

AMOR
BENEVOLÊNCIA
AMIZADE
HARMONIA
CONVIVÊNCIA
ACOLHIMENTO
cidadania
AMIZADE
RESPEITO

coexistência
COMPREENSÃO

HUMANIDADE

SOLIDARIEDADE

COEXISTENCIA
COMPREENSÃO
INTOLERÂNCIA
IMIGRAÇÃO
INTERAÇÃO
DIFERENÇAS
harmonia
PAZ

BRASIL-ISRAEL:

TERRAS DE IMIGRANTES

Realização:

Patrocínio:

Apoio cultural:



ANÔNIMO



Então o Senhor disse a Abraão:

“Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que Eu lhe mostrarei.

GÊNESIS 12:1

ESTE VERSÍCULO É O COMEÇO DA HISTÓRIA BÍBLICA DE ABRAÃO, AQUELE QUE TINHA ENTRE SUAS QUALIDADES A DE SER UM ANFITRIÃO. SUA TENDA ESTAVA PERMANENTEMENTE ABERTA AO ESTRANGEIRO, AO IMIGRANTE.

AO LONGO DOS TEMPOS, INÚMEROS PAÍSES RECEBERAM IMIGRAÇÕES, CRESCERAM NUMERICAMENTE E QUALITATIVAMENTE EM FUNÇÃO DESSAS ONDAS HUMANAS. ELAS SEMPRE TIVERAM IMPACTO NOS LOCAIS ONDE SE INSTALARAM E TRANSFORMARAM A GEOGRAFIA DO PLANETA TERRA. CULTURAS SE MISTURARAM, GERANDO OUTROS COSTUMES, AGLUTINANDO HISTÓRIAS. ASSIM PASSARAM OS SÉCULOS.

O TERMO IMIGRANTE TORNOU-SE, NOS DIAS ATUAIS, UM DOS MAIS FREQUENTES NA MÍDIA. A TELEVISÃO MOSTRA CENAS TRÁGICAS, OS JORNAIS DESCREVEM O PERCURSO DE JOVENS, ADULTOS E CRIANÇAS, PESSOAS SOZINHAS E FAMÍLIAS INTEIRAS DESAMPARADAS, QUE DEIXAM SUAS CIDADES, SEUS PAÍSES SEM SABER PARA ONDE IR.

A IMIGRAÇÃO ESTEVE PRESENTE EM TODOS OS TEMPOS NO MUNDO. POVOS MIGRARAM, SEMPRE EM CONDIÇÕES PRECÁRIAS, EM BUSCA DE UM LOCAL PARA VIVEREM EM PAZ.

ISRAEL, DESDE OS TEMPOS BÍBLICOS, E O BRASIL, DESDE SUA DESCOBERTA CINCO SÉCULOS PASSADOS, TÊM RECEBIDO ONDAS IMIGRATÓRIAS. E ASSIM CONTINUAM ATÉ HOJE.

IMIGRAÇÃO, UM TERMO QUE TEM CONOTAÇÃO COM A HISTÓRIA, A GEOGRAFIA, A DEMOGRAFIA E QUE TEM REPERCUSSÃO EM DIFERENTES ÁREAS DA ECONOMIA MUNDIAL. SEM FALAR DO ASPECTO HUMANITÁRIO, QUE SUPLANTA TODOS OS ACIMA CITADOS.

ESSA CAUSA HUMANITÁRIA SERÁ VISTA PELOS ALUNOS E, COM CERTEZA, OS TORNARÁ “CÚMPLICES” DE UMA NOVA VISÃO DE QUEM É O “OUTRO” QUE BATE À PORTA E PEDE POR ALGO TÃO SIMPLES: PODER VIVER.

ESSA FOI A ESCOLHA DO TEMA PARA O CONCURSO WIZO DE PINTURA E DESENHO 2017. AGUARDAMOS A CRIATIVIDADE DOS JOVENS, QUE SEMPRE SURPREENDEM A COMISSÃO JULGADORA.



Imigração no Brasil

Assim como o Estado de Israel, o Brasil também é um país formado por imigrantes. Foram os portugueses, que chegaram a partir da descoberta de Pedro Álvares Cabral, em 1500, que começaram a delinear as fronteiras do que seria o Estado brasileiro.

Desde o final do século 19, em especial após a abolição da escravidão em 1888, o Brasil tornou-se um “país de imigrantes”, em um ambiente de tolerância religiosa, intensa permeabilidade social e cultural e oportunidades de ascensão econômica, que não foi bloqueada por manifestações de preconceito e racismo. Desde os anos 1880 e até os anos 1940, o Brasil recebeu cerca de quatro milhões de imigrantes.

Vieram italianos, japoneses, alemães, libaneses, judeus e mais uma infinidade de povos que encontraram por aqui um lugar agradável para viver. Aqui, listaremos apenas as principais ondas migratórias para o território brasileiro, já que seria impossível contemplar todos os povos que aqui chegaram nesses mais de 500 anos de história.

Porto de Santos, 1870



Portugueses

A chegada maciça de portugueses ao nosso território, antes habitados pelos índios, teve início em 1530. Eles vieram para cá com o objetivo de dar início ao plantio de cana-de-açúcar. Durante mais de três séculos de colonização, somada à imigração pós-independência, os portugueses deixaram profundas heranças para a cultura do Brasil e também para a etnicidade do povo brasileiro. Hoje, a maioria dos brasileiros possui alguma ancestralidade portuguesa, ainda que muito remota.

A fixação de portugueses no Brasil só se tornou significativa na segunda metade do século 16. Por volta de 1583-1584, a população portuguesa na colônia cresceu para 20 mil, em 1600 para 32 mil e em 1612 para 50 mil. O povoamento português no Brasil se limitava quase que exclusivamente à faixa litorânea e permaneceu escasso nos séculos 16 e 17.

Outro fator importante na imigração portuguesa, durante o século 17 e o século 18, foi a imigração açoriana e madeirense para as regiões Norte, Nordeste e Sul do Brasil.

No período pós-independência, a partir do ano de 1822, estimava-se que seria de cinco milhões o número de

luso-brasileiros, computando imigrantes portugueses e seus filhos e netos.

Os portugueses continuaram a vir para o Brasil por um longo tempo após a independência. Depois da proclamação, em 1822, os portugueses tiveram como destino especial a cidade do Rio de Janeiro.

O censo brasileiro de 1920 mostrou que, dos 433.577 portugueses residentes no Brasil, 172.338 residiam nessa cidade, 39,74% do total. A influência portuguesa na arquitetura, na culinária e até mesmo no sotaque carioca é notada até os dias de hoje.

Estudos genéticos também confirmam a forte influência racial portuguesa no povo brasileiro. De acordo com uma pesquisa, pelo menos metade de todos os cromossomos Y da população brasileira é oriunda de portugueses. Os negros brasileiros possuem, em média, 48% de genes não-africanos, provavelmente oriundos de antepassados vindos de Portugal.





Cristãos-novos

Uma população numerosa de portugueses descendentes de judeus se estabeleceu no Brasil colonial. Os convertidos ou cristãos-novos eram descendentes de judeus que haviam se estabelecido na Península Ibérica há vários séculos. Muitos deles eram descendentes de judeus, que haviam se convertido ao catolicismo por causa da perseguição criada pela Inquisição. Outros, não querendo se converter, fugiram para diversos países, entre eles o Brasil.

No Brasil, o número de cristãos-novos era tão grande que, devido à ausência de outros portugueses alfabetizados, muitos deles ocupavam cargos oficiais, apesar de haver uma proibição real. No século 16, estima-se que cristãos-novos compunham 14% da população “branca” em Pernambuco. Entre 1579 e 1620, 32% dos donos de engenhos de cana-de-açúcar em Pernambuco eram de origem judaica.



Invasão Holandesa

Durante os períodos colonial e monárquico, a imigração portuguesa foi a mais expressiva, porém outra onda migratória foi importante nessa época. Trata-se dos holandeses, que vieram ao País em 1624, no episódio que foi chamado de Invasão Holandesa.

Esta fez parte do projeto da Holanda em ocupar e administrar o Nordeste Brasileiro através da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais.

A primeira expedição invasora ocorreu em Salvador (capital do Brasil na época). Comandados por Jacob Willekens, mais de 1.500 homens conquistaram a capital baiana e ali estabeleceram um governo paralelo. Os holandeses foram expulsos no ano seguinte, quando chegaram reforços da Espanha.

Em 1630 houve uma segunda expedição militar holandesa, desta vez para a cidade de Olinda (Pernambuco). Após a resistência luso-brasileira, os holandeses dominaram a região, estabeleceram seu governo e retomaram o comércio de açúcar com a região nordestina brasileira.

Em 1637, a Holanda enviou o conde Maurício de Nassau para administrar as terras conquistadas e estabelecer uma colônia holandesa no Brasil. Até 1654, os holandeses dominaram grande parte do território nordestino.

Nesse ano, após muitas guerras e conflitos, os colonos portugueses (apoiados por militares de Portugal e Inglaterra) conseguiram expulsar definitivamente os holandeses do território brasileiro e retomar o controle da região.



O período holandês no Brasil foi marcado por grande tolerância religiosa. Tanto que, de 1630 a 1654, foi fundada, no Recife, a primeira sinagoga do Brasil, a Kahal Tzur Israel. Seu primeiro rabino foi o luso-holandês Isaac Aboab da Fonseca, que chegou ao Recife em 1641 e ficou por lá durante 13 anos. Derrotados na Batalha dos Guararapes, fruto da Insurreição Pernambucana, retornaram para a Holanda a bordo do navio Valk.

Com a expulsão do Recife, parte dos judeus seguiu para a Holanda em 17 barcos. Uma dessas embarcações se perdeu e foi atacada por piratas espanhóis e resgatada por um navio francês. Eram apenas 23 pessoas, na maioria mulheres e crianças, cujo destino foi os Estados





Unidos, ou melhor, Nova Amsterdã, hoje a cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Lá eles ergueram a Sinagoga Hispano-Portuguesa Shearit Israel, a primeira comunidade judaica da América do Norte, localizada em lugar nobre, em frente onde é o atual Central Park.

Entre prédios com tinta descascada no bairro de Chinatown em Manhattan, o cemitério dos judeus originários do Recife e seus primeiros descendentes é um dos mais bem guardados segredos de Nova York. Hoje, poucos conhecem pessoalmente as tumbas das primeiras famílias judias, que vivem na metrópole norte-americana com a segunda maior população judaica do mundo, depois de Tel Aviv. Muito menos sabem que elas vieram do Brasil.

Apesar do desgaste de séculos de chuva, sol e neve, ainda dá para ler em algumas tumbas sobrenomes como Fonseca, Seixas, Gomes, Nunes, Cardozo, Castro e Bueno de Mesquita. Todos judeus portugueses ou espanhóis, com passado ligado ao tempo de domínio dos holandeses no Recife, onde a primeira congregação judaica das Américas foi construída.

Em 1654, Portugal retomou o controle de Pernambuco, que estava nas mãos dos holandeses da Companhia das Índias. Era o fim de uma era de liberdade para os judeus nas terras brasileiras. Eles mais uma vez eram expulsos pela coroa portuguesa. Antes, durante a Inquisição, haviam sido obrigados a deixar Portugal e rumar para a protestante Holanda, onde não eram alvo de perseguição.

Hoje, em Recife, onde ficava a sinagoga Kahal Tzur Israel funciona o Centro Cultural Judaico de Pernambuco. Além da sinagoga, os visitantes conhecem a história do local, inclusive com a mikvá, o banho ritual judaico.



A CHEGADA DOS italianos

Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil no ano de 1870. Na época, o governo do País estimulava a imigração europeia, especialmente depois de 1850, época em que o tráfico de escravos foi abolido no Brasil e os europeus viriam a tomar o lugar da mão-de-obra escrava.

Os italianos chegaram de início à região sul. Em meados do século 19, o governo brasileiro criou as primeiras colônias, fundadas em áreas rurais, que abrangiam a Serra Gaúcha, Garibaldi e Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. Estes imigrantes eram, na maioria, da região do Vêneto, no norte da Itália. Passados cinco anos, face ao grande número de imigrantes, o governo teve de criar uma nova colônia italiana em Caxias do Sul, no mesmo Estado. Nessas regiões, os italianos começaram a cultivar a uva e produzir vinhos. Atualmente, essas áreas produzem os melhores vinhos do Brasil. Também em 1875 foram fundadas as primeiras colônias em Criciúma e Urussanga (Santa Catarina) e, em seguida, as do Estado do Paraná.

No entanto, foi a região Sudeste que recebeu o maior número de imigrantes oriundos da Itália. Isto se deve ao processo de expansão das fazendas de café no Estado de São Paulo. Muitos imigrantes italianos, após trabalhar anos colhendo café, conseguiram juntar dinheiro suficiente para comprar suas próprias terras e tornaram-se fazendeiros, enquanto outros partiram para os grandes centros urbanos (como São Paulo).

As contínuas notícias de trabalho semiescravo nas fazendas de café no Brasil fizeram com que os italianos partissem para destinos como a Argentina e os Estados Unidos. A imigração italiana no Brasil continuou até a década de 1920, quando o ditador Bento Mussolini começou a controlar a saída da Europa. Com a Segunda Guerra Mundial, e a declaração de guerra do Brasil à Itália fascista, a vinda para cá entrou em declínio.

Dentre as inúmeras contribuições italianas à cultura brasileira podemos citar novas técnicas agrícolas, o sotaque paulistano e novas palavras

(o uso do “tchau” em todo o Brasil), culinária (pizzas, massas e o hábito de comer panetone no Natal), o enraizamento do catolicismo, incorporando elementos italianos na religião brasileira, etc.





O Japão é aqui

A vinda de imigrantes japoneses para o Brasil foi motivada por interesses dos dois países: o Brasil necessitava de mão-de-obra para trabalhar nas fazendas de café, principalmente em São Paulo e no norte do Paraná, e o Japão precisava aliviar a tensão social no país, causada por seu alto índice demográfico. Assim, o governo japonês adotou uma política de emigração desde o princípio de sua modernização, iniciada na era Meiji (1868). Em 1906, os governos do Japão e do Estado de São Paulo levaram adiante esse processo.

A imigração japonesa no Brasil tem como marco inicial a chegada do navio Kasato Maru, em Santos, no dia 18 de junho de 1908. Do porto de Kobe a embarcação trouxe, numa viagem de 52 dias, os 781 primeiros imigrantes vinculados ao acordo imigratório estabelecido entre Brasil e Japão, além de 12 passageiros independentes.

Anteriormente, os primeiros japoneses a pisar em solo brasileiro foram quatro tripulantes do barco Wakamiya Maru, que, em 1803, afundou na costa japonesa. Os naufragos foram salvos por um navio de guerra russo que, mesmo não podendo desviar-se de sua rota, levou-os em sua viagem. No retorno, a embarcação aportou,

para concerto, em Porto de Desterro, atual Florianópolis (SC), no dia 20 de dezembro, permanecendo até 4 de fevereiro de 1804. Ali, os quatro japoneses fizeram registros importantes da vida da população local e da produção agrícola da época.

Incidentalmente, outros japoneses estiveram de passagem pelo país, mas a primeira visita oficial para se buscar um acordo diplomático e comercial ocorreu em 1880. No dia 16 de novembro daquele ano, o vice-almirante Artur Silveira da Mota, mais tarde Barão de Jaceguai, iniciou, em Tóquio, as conversações para o estabelecimento de um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre os dois países.

O esforço nesse sentido prosseguiu em 1882, com o ministro plenipotenciário Eduardo Calado, mas o acordo só seria concretizado 13 anos mais tarde. Em 5 de novembro de 1895, em Paris, Brasil e Japão assinaram o Tratado da Amizade, Comércio e Navegação.

Hoje o país tem cerca de 1,6 milhão de japoneses e descendentes (dados de 2015). Na cidade de São Paulo, o bairro da Liberdade abriga a maior colônia japonesa fora do Japão, reproduz um pouco do que é a cultura oriental, com vários restaurantes, centros de cultura, karaokês, comércio, decoração e arquitetura típicas.

Os alemães no Sul

Em 1818, o primeiro grupo de imigrantes alemães que chegou ao Brasil, fixou-se no sul da Bahia. No entanto, a primeira colônia fundada pelos alemães foi na outra ponta do mapa, em São Leopoldo (RS), hoje região metropolitana da capital gaúcha. Os alemães vieram pensando em conseguir uma vida melhor no Brasil, uma vez que estas não eram exatamente as condições que encontravam na Alemanha.

No ano de 1827, chegaram os primeiros imigrantes germânicos ao porto de Santos, que se estabeleceram na região de Santo Amaro, na capital paulista. Os grupos que vieram em seguida foram para localidades como São Roque, Embu, Itapeverica, Rio Claro e para os cafezais, no interior do estado de São Paulo.

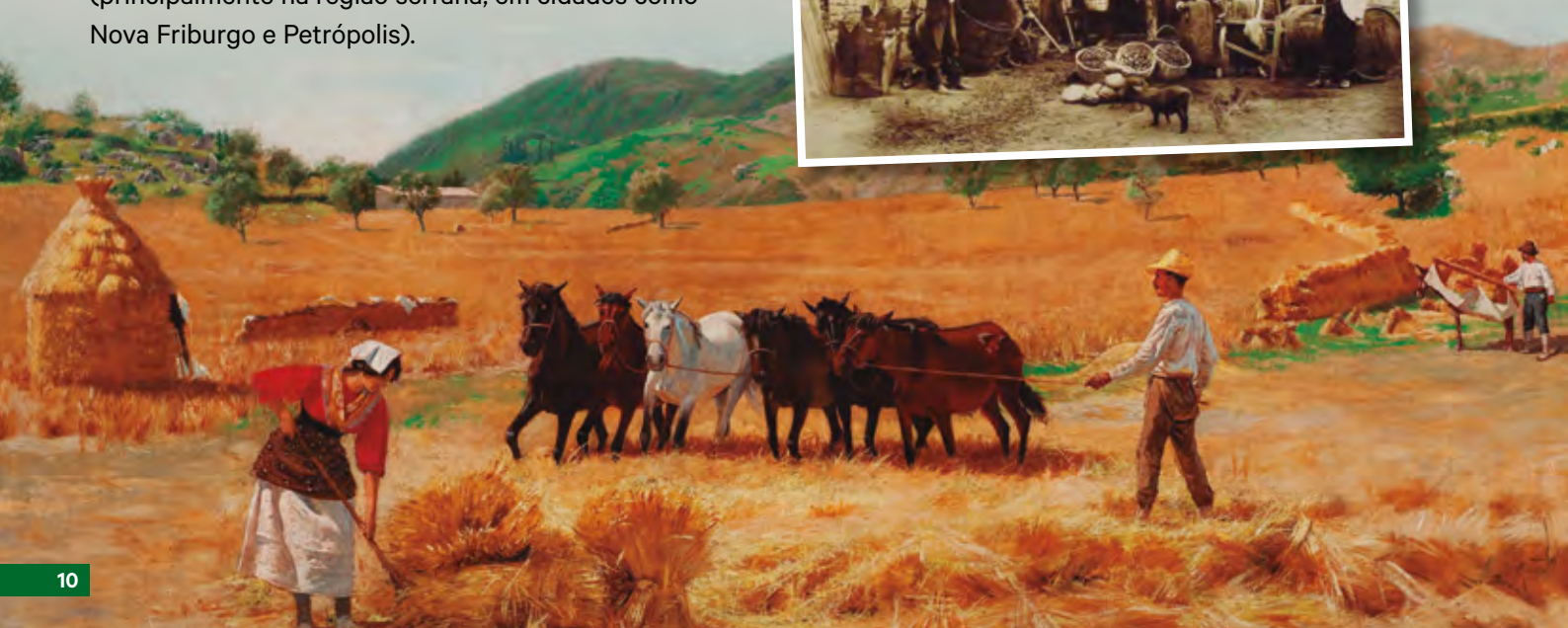
Dois anos depois tinha início a colonização de Santa Catarina (hoje, o mais germânico dos Estados brasileiros, calcula-se que 35% da população tenha ascendência alemã), nas cidades de Mafra e São Pedro de Alcântara. Posteriormente foi a vez do Paraná. Lá, a colonização começou pela cidade de Rio Negro. Em Curitiba, a partir de 1833, começou a chegar um número um pouco maior de imigrantes, que se estendeu pelo interior do Paraná, como a pequena cidade de Rolândia, que abrigou famílias de alemães de religião judaica.

O Rio Grande do Sul foi o estado que mais imigrantes alemães recebeu. No ano de 1930, aproximadamente 20% da população destes três Estados era composta por imigrantes de origem germânica. Embora menor, a presença alemã foi marcante também em São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (principalmente na região serrana, em cidades como Nova Friburgo e Petrópolis).

O ápice da imigração alemã no Brasil ocorreu entre 1920 e 1930, ou seja, depois da I Guerra Mundial e antes do início da II Grande Guerra, época em que desembarcaram no País aproximadamente 75 mil imigrantes, fugindo das tensões políticas e econômicas daquele período.

Estes novos imigrantes já não se dirigiam às áreas rurais (alguns deles vieram como refugiados políticos), mas trabalhavam como operários, professores, etc. Dessa forma, a mão de obra alemã especializada que chegou foi de grande importância para o desenvolvimento da industrialização do sul do País.

Atualmente, em outubro, na cidade de Blumenau, acontece a Oktoberfest, a maior festa alemã no Brasil, com danças típicas e, claro, muita cerveja.



Imigração libanesa

Entre os vários povos árabes, que vieram para o Brasil, destacam-se os libaneses. Ao contrário dos imigrantes europeus, os libaneses não chegaram com a perspectiva de trabalhar nas lavouras de café, mas sim encontrar nas cidades as condições para o florescimento do comércio. O emprego em lavouras também ocorreu, porém em quantidade muito menos expressiva que dos europeus. Os libaneses começaram vendendo mercadorias de casa em casa e acumularam ganhos com essa atividade e, a partir daí, criaram pequenas confecções e lojas de tecidos. O sucesso obtido no comércio foi importante para sua própria sobrevivência, assim como para seu país de origem. Muitos desses imigrantes enviavam volumosas quantias em dinheiro para a terra natal, com o intuito de ajudar os familiares, que ficaram para trás, ou mesmo investiram esses recursos em hospitais, bibliotecas e escolas.

Pela característica de ocupar regiões urbanizadas, onde pudessem desenvolver o comércio para seu crescimento, os libaneses estão espalhados por todos os cantos do Brasil. O auge de sua imigração foi de 1880 a 1930. Como aconteceu com todas as correntes imigratórias, o fluxo de libaneses tornou-se reduzido após Getúlio Vargas assumir a presidência e impor políticas restritivas à imigração.



Os judeus no Brasil

A comunidade judaica no Brasil é a segunda mais importante da América Latina, atrás da Argentina e à frente do México, com 120 mil judeus entre os 204 milhões de brasileiros, ou seja, 0,06% da população.

Os judeus se concentram sobretudo nas regiões Sul e Sudeste. As duas mais importantes comunidades do Brasil, confirmadas pelos dados do Censo do IBGE de 2010, estão nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Na região Sul, a cidade de Porto Alegre entra neste século sem perder a vitalidade de suas instituições, uma comunidade de sete mil judeus. A região Norte merece destaque por sua longevidade. A comunidade de Manaus tem 1.200 membros, e a mais antiga comunidade judaica do Brasil, em Belém do Pará, tem 1.300 membros. No Nordeste, a comunidade do Recife conta com 1.300 membros.

A segunda comunidade judaica organizada no País (a primeira, a já citada na Invasão Holandesa) foi fundada em Belém, a partir da imigração de judeus do Marrocos. Atraídos pela riqueza da borracha, estabeleceram a sinagoga Shaar Hashamaim, em torno do ano 1824. Em 1842 foi fundado um cemitério judaico em Belém. Um novo ciclo da borracha, entre o final do século 19 e início do 20, atraiu mais imigrantes e formou núcleos judaicos em diversas localidades da Amazônia, como Itacoatiara, Cametá, Paratins, Óbidos, Santarém, Humaitá e outras.

A partir dos anos da Primeira Guerra Mundial e até os anos 1920-30, imigrantes judeus da Europa Oriental e Ocidental e do Oriente Médio formaram comunidades estruturadas nas principais cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Recife e Salvador. Pequenos núcleos viveram em dezenas de cidades do interior, acompanhando principalmente os ciclos econômicos.

No Brasil, as mulheres têm sido muito ativas nas causas sociais, em instituições como a Wizo e Na'amat Pioneiras, fundando e dirigindo entidades assistenciais, que protegem as mulheres e as crianças, e também voluntárias na área assistencial, como no caso do Departamento de Voluntárias do Hospital Israelita Albert Einstein.

Em São Paulo, em 1946, foi fundada a Federação Israelita do Estado de São Paulo, para organizar a imigração do pós-guerra dos judeus refugiados da Europa para o Brasil. Dois anos depois foi fundada a Confederação das Entidades Representativas da Coletividade Israelita do Brasil – depois Confederação Israelita do Brasil (Conib).



Migrações recentes

O número de imigrantes registrados aumentou 160% nos últimos dez anos. Segundo dados da Polícia Federal (PF), 117.745 estrangeiros deram entrada no País em 2015 – um aumento de 2,6 vezes em relação a 2006 (45.124).

Em 2015, os haitianos lideraram o ranking de chegada pelo segundo ano consecutivo, 14.535 haitianos registrados pela PF. A nacionalidade é a que mais se destaca pelo crescimento nos últimos cinco anos.

Os bolivianos também mantiveram a posição de 2014 para 2015: o segundo lugar. Foram 8.407 registros no ano passado, o que representa uma queda de 32% em relação aos dados de 2011, quando 12.465 bolivianos entraram no Brasil. Em 2015, eles são seguidos pelos colombianos (7.653), argentinos (6.147), chineses (5.798), portugueses (4.861), paraguaios (4.841) e norte-americanos (4.747).

Lei da Imigração

Este ano, a Lei da Imigração no Brasil sofreu alterações importantes, tornando o país ainda mais amigável para quem pretende se estabelecer por aqui.

Com a Lei, ao imigrante passa a ser garantido, em condição de igualdade com brasileiros, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Além disso, são segurados:

- Direitos e liberdades civis, sociais, culturais e econômicos;
- Direito à livre circulação;
- Direito de transferir recursos decorrentes de sua renda e economias pessoais a outro país;
- Direito de reunião para fins lícitos;
- Acesso a serviços públicos de saúde e de assistência social e à Previdência Social, nos termos da lei, sem discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória;
- Amplo acesso à Justiça e à assistência jurídica integral gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos;
- Direito à educação pública, vedada qualquer discriminação.

Como tudo começou

“Em Israel, para ser realista você precisa acreditar em milagres.”

DAVID BEN GURION

Esta frase do primeiro chefe de governo de Israel dá uma noção de como um país de dimensão pequena (do tamanho de Sergipe, o menor estado brasileiro) recebe, desde muitos anos antes da independência do Estado, imigrantes de vários países da Europa, chamados pioneiros. Eles chegaram à região e começaram a construir do zero. Terras inóspitas, doenças, condições de vida rudimentares, nada abalou a vontade de trabalhar por um ideal.

Instituições – como a Universidade Hebraica de Jerusalém, presidida pelo físico Albert Einstein, o Keren Kayemet LeIsrael, voltado ao cuidado com o meio ambiente – foram criadas há mais de um século. Estes são apenas dois exemplos entre muitos outros.

Milhares de judeus lá chegaram antes mesmo de existir um Estado configurado e lá permaneceram enfrentando as adversidades. Hoje, Israel recebe imigrantes de várias regiões do planeta, e por diferentes motivos, com as condições que um Estado moderno, dinâmico pode incluir as pessoas em diferentes frentes, mesmo com todos os percalços que uma população bastante diversificada tem que enfrentar no dia a dia.



MULTICULTURALISMO EM Israel

O Estado de Israel é o único país do mundo onde a maioria da população segue o judaísmo. Porém, o islamismo e o cristianismo têm significativa presença no seio dos cidadãos israelenses, além de outras minorias religiosas como os drusos. Além de concentrar os mais importantes locais sagrados das três grandes religiões monoteístas, é na cidade israelense de Haifa que está o Santuário de Baha'u'ílá, Centro Mundial dos seguidores dessa fé.

Cidadãos israelenses que professam outros credos gozam dos mesmos deveres e direitos dos cidadãos judeus, salvo particularidades de cada minoria, que devem ser preservadas.

Os israelenses não judeus também possuem direitos políticos, tanto ao voto como a ser votado. Na Knesset (Parlamento) há um número considerável de representantes da bancada árabe-muçulmana.

Segundo o Instituto Central de Estatísticas de Israel, em 2011, 75,3% da população total do país era de judeus e 20,5% de seguidores do islã. As demais religiões somavam 4,2%. No país vivem, também, aproximadamente 300 mil imigrantes não judeus de diferentes origens, muitos deles como trabalhadores temporários.

Entre os árabes israelenses, 82,7% são muçulmanos, 8,4% drusos e 8,3 cristãos, ainda na estatística de 2011. Os árabes muçulmanos com cidadania israelense

somavam, nessa época, 1,2 milhão de pessoas, mais da metade em cidades do norte.

Também muçulmanos, estima-se que os beduínos são perto de 250 mil, pertencendo a 30 tribos espalhadas no sul do país.

Quase 123 mil é o número de cristãos israelenses. Eles são etnicamente árabes e perfazem 80% do total da população cristã. Os outros 20% vieram com a imigração russa.

Outro grupo é o das Testemunhas de Jeová, minoria cristã que cresce a cada ano. Em 2015, eles eram 1.567 adeptos.

A religião drusa não é acessível, porém um detalhe é conhecido: ela exige lealdade total de seus adeptos ao governo do país em que vivem. Por isso, eles servem as Forças de Defesa de Israel (serviço militar). São 122 mil árabes israelenses que professam esse credo, vivendo em aldeias, principalmente no norte.

Os circassianos são muçulmanos sunitas, mantêm uma identidade étnica distinta. Apenas quatro mil, vivendo no norte, eles participam dos assuntos econômicos e nacionais, sem se assimilarem, nem aos costumes judaicos, nem aos muçulmanos.

Israel tem uma das maiores populações budistas do Oriente Médio, 32 mil pessoas ainda nos dados de 2011, em sua maioria seguidores do lamaísmo.



A chegada

Um avião da El Al (companhia aérea israelense) pousando no Aeroporto Ben Gurion, famílias ou grupos de jovens descendo as escadas com um largo sorriso ou lágrimas escorrendo pelo rosto, tornou-se a imagem viva do sentimento de segurança que o Estado de Israel oferece a aqueles que procuram um lugar seguro para viver.

A origem e a condição sócio-econômica dos recém-chegados variam, porém a sensação de uma nova vida, do recomeçar é comum a todos.

Há uma palavra em hebraico para imigração: aliá (subida). Nada mais significativo para quem passa por um momento tão especial, após passar por dias de angústia, muitas vezes de perseguição, outras de tentar encontrar um porto seguro. Daí a importância da absorção e integração harmoniosa dos novos imigrantes para que se tornem cidadãos produtivos e participativos da sociedade israelense.



Israel tem, entre seus vários ministérios, um que se diferencia dos outros países: o da Imigração e Integração. Ele é responsável pela ajuda dada aos novos imigrantes (olim, em hebraico) que chegam ao país.

Desde 2013, esse Ministério é responsável por atender a contatos com o imigrante e a continuidade de sua integração.

Centros de absorção

Os centros de absorção são o primeiro lugar a receber os imigrantes, onde eles aprendem hebraico, os costumes e a vida do novo país, participam de encontros para saber mais sobre oportunidades de trabalho e o dia a dia que terão daí para a frente. Ali, os recém-chegados – famílias, estudantes, refugiados – encontram um ambiente caloroso, seguro e aprendem como dar os primeiros passos em Israel.

Existem 13 centros de absorção distribuídos pelo país para receber os quase 20 mil imigrantes que chegam a cada ano.

Além dos centros de absorção outros serviços são colocados à disposição de quem chega a Israel.

O Centro Global de Serviços é uma linha de atendimento aberta seis dias da semana (fechada no sábado), durante 22 horas diárias e com atendimento em sete idiomas.

Outro atendimento é o programa Primeiro Lar na Terra Natal. É onde as famílias são encaminhadas para um kibutz (propriedade coletiva), para viverem os primeiros seis meses até um ano.



A importância da aliá

Existe um termo para designar a imigração judaica para a Terra de Israel, *aliá*, cujo significado é subida, ascensão, elevação espiritual. Essa última denominação vem da honra concedida a uma pessoa de ser chamada para a leitura do rolo da Torá, na sinagoga.

A *aliá* sempre existiu, desde o exílio do povo judeu com a destruição do Segundo Templo, em 70 da era comum, e sua dispersão pela Europa e norte da África, onde sofriam perseguições.

Em 1880 havia perto de 25.000 judeus vivendo na região da então chamada Palestina. Porém, a imigração se tornou mais forte no final do século 19, com Theodor Herzl, jornalista austro-húngaro, fundador do moderno sionismo político, época em que se fazia a ligação do povo judeu com a terra. As *alioth* (plural de *aliá*) ocorreram em ondas, sendo a primeira entre 1882 e 1903, quando 25.000 judeus deixaram a Europa em direção à Terra Prometida, para fazer algo totalmente diferente do que faziam na Europa, trabalhar com a terra; a segunda grande *aliá* levou 40 mil imigrantes, entre 1904 e 1914, que criaram 44 *kibutzim* (plural de *kibutz*, comunidade agrícola), onde trabalharam, preparando o futuro. Entre 1919 e 1923, com a terceira aliá, 15 mil judeus foram responsáveis por fundar novos 148 *kibutzim*. No período entre 1924 e 1932, muitos judeus já sentiam o clima europeu pré Segunda Guerra Mundial e 55 mil deles escolheram partir na quarta grande *aliá*.

Os anos seguintes foram de grande tensão para os judeus na Europa, devido à ascensão do nazismo. Motivo porque 240 mil judeus deixaram tudo para trás e fugiram no período entre 1933 a 1939. Nessa época, a região estava sob o Mandato Britânico, que criara leis para restringir a entrada de judeus. Porém, a criação da instituição Mossad Aliá Beit permitiu que muitos judeus fugissem da perseguição nazista.

Em maio de 1948, quando da declaração de Independência do Estado de Israel, o país recebeu perto de 625.000 judeus imigrantes.

O movimento das *alioth* foi de extrema importância para o Estado de Israel, tanto que, em 1949, era criado o Ministério da Imigração, hoje Ministério da Absorção de Imigrantes.

País independente, Israel passou a receber imigrantes de diversas origens. Da Ásia (principalmente da ex-União Soviética), do Irã, da África (os etíopes), os iemenitas da Península da Arábia, da Europa, dos países árabes, da América e Oceania. Mais recentemente, a lista é

aumentada a cada ano, sendo os mais recentes os sudaneses e franceses.



Imigração dos países árabes

Os judeus de origem árabe habitaram a antiga Pérsia (hoje, Irã) nos tempos bíblicos, há quase 3.000 anos. Quando da destruição do Segundo Templo pelos romanos, no ano 70 da Era Comum, os primeiros foram para o Marrocos e influenciaram a cultura berbere local, assim como se sabe que algumas cidades judaicas continuaram existindo no Egito, mesmo após o êxodo bíblico.

Nesse locais de crença muçulmana, os judeus viveram, muitas vezes, protegidos pelos governantes; outras vezes, perseguidos.

Porém, no século 19, as perseguições contra os judeus e a pobreza no Marrocos aumentaram e fizeram com que eles deixassem o país. A partir de 1810, muitos emigraram para a Amazônia Brasileira, o Peru, a Venezuela e para Israel.

A população judaica nos países árabes passou por constrangimentos e perseguições, inclusive com matanças em Shiraz, no Irã, e Aleppo, na Síria, entre outras cidades. Perto de um milhão de judeus de países árabes e muçulmanos foram expulsos de sua terra natal e a maior parte migrou para Israel.

Em 1947, a queima de sinagogas e o assassinato de 75 judeus em Aleppo, fizeram com que metade da população judaica deixasse a Síria, indo, inicialmente, para Beirute. No ano seguinte, após a independência de Israel, 5.000 foram para Israel. Entre 1948 e 1951, quase 250.000 refugiados do Líbano e do Iraque migraram

para Israel, assim como, em 1956, foi a vez dos judeus egípcios deixarem seu país.

Em 1970, mais de 600 mil judeus de países árabes estavam em Israel. Eles chegaram sem seus bens. Terras, imóveis, joias e dinheiro não podiam ser levados pelos que saíam.

Inicialmente, os imigrantes eram alojados em acampamentos temporários, chamados ma'abarot (em hebraico, trânsito), vivendo em tendas de lona ou lata, porém com atendimento nos serviços de saúde, higiene, alimentação e educação. Mesmo em condições iniciais precárias, a absorção desses imigrantes foi bem equacionada, tanto que vários desses acampamentos transformaram-se em cidades modernas e urbanizadas, como são hoje Kiriat Shmona, Sderot e Migdal HaEmek, entre outras. Esse processo de absorção durou 15 anos e, no censo de 2003, os descendentes desses imigrantes de países árabes eram 60% da população total israelense.

Em 2007, a Organização Mundial de Judeus dos Países Árabes (WOJAC, na sigla em inglês) estimou que os bens deixados pelos judeus dos países árabes somariam perto de US\$300 bilhões, em valores então atualizados. Porém, jamais houve qualquer menção de compensação financeira por parte dos governantes dos países árabes.

O importante é que esses imigrantes se mesclaram, se integraram como cidadãos e são parte da moderna sociedade israelense.

Kiriat Shmona

A imigração etíope

Um dos países mais antigos do mundo, a República Democrática Federal da Etiópia é a segunda nação de maior população na África e ali, por mais de três mil anos, os etíopes judeus mantiveram sua fé e identidade, falando o hebraico e praticando o judaísmo. Os historiadores ligam essa população a uma das dez tribos perdidas e seus ancestrais remontam à rainha de Sabá e ao rei Salomão.

Em 1860, missionários britânicos, em visita ao país, ficaram surpresos ao encontrarem os falashas (denominação considerada...), uma tribo com traços semitas e mantendo as leis rituais como descritas no Velho Testamento. Alguns anos depois, o estudioso Joseph Halevy foi conhecê-los e os etíopes se espantaram ao ver um judeu “branco”. Para essa população só havia judeus negros, como eles. Separados há milhares de anos, sem sair de seus vilarejos, eles apenas se convenceram quando Halevy citou Jerusalém, a cidade para a qual sonhavam retornar, mesmo passados tantos anos.

Em pleno século 20, essa população lutava contra a fome, a seca e a opressão de anos seguidos de guerra civil. Porém, não era fácil sair dali.

Em 1977, quando o ditador Mengistu Haile Mariam chegou ao poder, a imigração dos judeus etíopes foi proibida. Clandestinamente, os primeiros refugiados da região de Tigray, quase sem ajuda, faziam o caminho para Israel a pé.

Entre 1980 e 1982, em meio ao conflito local, 2.500 foram resgatados e levados para Israel. No ano seguinte, outros 1.800 caminharam dias e dias até a fronteira do Sudão, passaram por campos de refugiados e chegaram ao seu destino.

Em 1984 teve início a Operação Moisés. Aviões militares cruzaram os ares e levaram 200 etíopes a cada voo. De novembro desse ano até janeiro do ano seguinte, quase 8.000 etíopes judeus foram levados em voos mantidos em segredo entre os governos do Sudão e de Israel.



A Etiópia fechou um acordo com Israel, em 1990, para a saída dos judeus negros que estavam em campos de refugiados, passando fome. Porém, esse acordo era frágil, podia ser revogado a qualquer momento. Ciente dessa urgência de salvá-los, em 36 horas foram preparados 34 aviões Hercules C-130, removidos os assentos para dar mais lugares, que se dirigiram à África. Uma das aeronaves transportou 1.087 refugiados em um só voo, número digno de figurar no Guinness Book, o Livro dos Recordes. Assim, a chamada Operação Salomão permitiu que 14.325 pessoas fossem salvas da miséria, perseguição e morte.

Por cinco anos, de 1992 a 1997, o Governo israelense deu assistência aos judeus etíopes da Província de Qwara. De 2010 a 2013, as últimas ondas de refugiados alcançaram seu desejado destino, encerrando o ciclo iniciado na década de 1950.

As primeiras levas que chegaram a Israel, famintas, vinham de um sistema tribal e não tinham contato nenhum com a civilização ocidental. Nunca haviam sentado em uma cadeira, usado um garfo ou um sapato. A adaptação inicial foi difícil, porém, com a ajuda do governo israelense e das entidades específicas, eles foram conhecendo a nova realidade e, hoje, aqueles 80 mil imigrantes estão integrados à sociedade, professam sua religião milenar, participam das Forças de Defesa de Israel e criam as novas gerações, perfazendo uma população de quase 140 mil israelenses. Muitos ainda enfrentam dificuldades, porém estão felizes por terem reunido suas famílias e verem seus filhos crescerem em liberdade.

Algumas ondas imigratórias receberam nomes:

Operação TAPETE MÁGICO

Data: 18 de novembro de 1949 a 24 de setembro de 1950
País de origem: Iêmen
Nº de Imigrantes: cerca de 50.000
Meio de transporte: aéreo.

Operação ESDRAS E NEEMIAS

Data: 18 de maio de 1950 até 1951
País de origem: Iraque
Nº de Imigrantes: cerca de 130.000
Meio de transporte: aéreo.

Operação MOISÉS

Data: último meses de 1984
País de origem: Etiópia
Nº de Imigrantes: cerca de 7.000
Meio de transporte: aéreo.

Operação SALOMÃO

Data: 24-25 de maio de 1991
País de origem: Etiópia
Nº de Imigrantes: cerca de 14.500
Meio de transporte: aéreo.

A grande imigração **soviética**

Os russos começaram a chegar a Israel em maior número na década de 1990, com as mudanças políticas, econômicas e o fim da antiga União Soviética, fazendo com que a população israelense crescesse 12%. Em menos de 20 anos, 1,3 milhão de judeus de todas as regiões da ex-URSS desembarcou em Israel, ou seja, um dos maiores movimentos migratórios da história recente.

Duas ondas migratórias datam de 1960 e 1970, quando quase 200 mil russos chegaram a Israel. No início de 1990, chegaram 50 mil imigrantes (olim, em hebraico), nos três meses seguintes, mais 30 mil e, no último trimestre, mais cem mil, ou seja, o equivalente a mil pessoas por dia. Entre 1989 e 1996, esse número foi de 700 mil pessoas vindas da ex-URSS.

Essa chegada em escala tão surpreendente levou à escassez de moradias, razão porque o Ministério da Habitação implantou uma ação de emergência, com a criação de 430 parques para trailers espalhados pelo país, onde foram alojados 27.000 trailers-moradia.

Outra preocupação foi absorver esse contingente com diferentes perfis socioeconômicos e culturais, além da necessidade de gerar emprego para o grande número de imigrantes qualificados. Para tanto, o governo israelense criou o Programa de Incubadoras de Base Tecnológica, considerado como de sucesso nacional, com reflexos positivos no crescimento da economia, no desenvolvimento tecnológico e na cultura do país.

A imigração russa é visível por todo Israel. O idioma russo tornou-se um dos mais falados, ao lado do hebraico, árabe e inglês. As lojas e restaurantes com seus cartazes no alfabeto cirílico, a profusão de jornais e revistas nas bancas de jornais, as emissoras de rádio e TV, os grupos de teatro, as inúmeras orquestras fazem parte da vida diária dos israelenses. Inclusive na política, essa inserção foi tão grande que existe um partido representando os interesses dos imigrantes russos na Knesset (Parlamento).

Hoje, a segunda e terceira geração, filhos e netos dos imigrantes, integram-se à multicultural sociedade israelense, com todos seus matizes.



Sinagoga em
Buenos Aires.

A procura por melhores ventos

Com a grave crise econômica que assolou a Argentina, uma onda migratória para Israel foi aguardada. Assim, a Agência Judaica se preparou e mais de 1,5 milhão de judeus residentes há muitas décadas no país sul-americano escolheu Israel para viver.

Esse movimento ocorreu no final de 2001 e marcou um aumento de 30% em relação ao ano anterior. Muitos deles foram para os kibutzim (comunidades agrícolas) e outros passaram a participar em vários setores da economia israelense.

Desde a independência do Estado de Israel, em 1948, mais de 60 mil judeus argentinos já haviam chegado ao país. Nos anos 1960, fruto de um ataque de ativistas pró-nazistas a uma jovem judia, na Argentina, houve uma saída numerosa de famílias inteiras e, principalmente, jovens, para a vida segura em Israel.

Sudaneses

Sudão e Eritreia são dois países onde o desemprego e a baixa qualidade de vida, além das guerras e a limpeza étnica estão presentes. Há cinco anos, um número crescente de refugiados desses países começou a chegar a Israel, atravessando o deserto no Egito e fugindo do genocídio, principalmente de Darfur, no Sudão.

Vindos de lugares completamente diferentes, por isso mesmo, eles têm dificuldades de adaptação. Muitos necessitam de cuidados médicos imediatos. São crianças, mulheres e homens que chegam apenas com a roupa do corpo e sem saber qual o caminho que tomaram, apenas querendo que os deixem viver em paz.

A Embaixada Internacional Cristã de Jerusalém solicitou às autoridades israelenses que dessem abrigo e alimentação até que fossem acomodados em kibutzim (plural de kibutz), onde seria mais fácil a adaptação à nova vida. Várias dessas comunidades receberam sudaneses e eritreus para trabalhos em diferentes setores, que auxiliam no conhecimento do idioma, da cultura, dos costumes e facilitam a integração.



Franceses

Os ataques ocorridos na França em 2015 – semanário Charlie Hebdo, supermercado Kosher e outros – fizeram com que os judeus franceses optassem pela saída do país, onde viviam em uma grande comunidade, participando da sociedade francesa em condições normais. Porém, mais uma vez, o antisemitismo latente foi a causa da saída de um país amigo para a procura da segurança em Israel.

E essa aliá (subida, em hebraico) deu um salto de 1.900, em 2012, para 7.800 imigrantes, em 2015. Um número que cresceu em apenas três anos e que continua ascendente. No ano passado, 190 franceses desceram no Aeroporto Ben Gurion em um só dia e cinco mil estavam previstos para chegarem no espaço de dois meses.

Os judeus franceses representam 25% de todos os imigrantes chegados a Israel e têm a vantagem de se adaptarem com mais facilidade, muitos deles conhecedores da região em visitas anteriores como turistas.



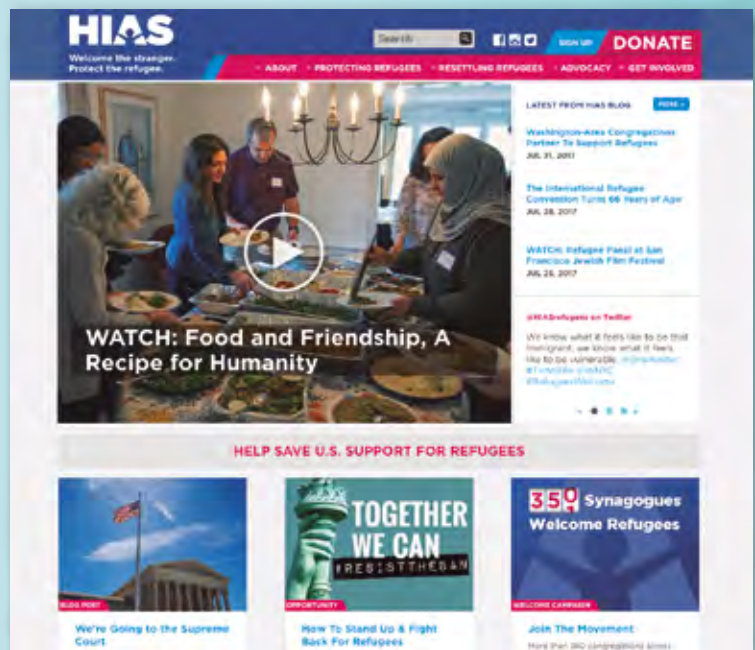
A HIAS e os refugiados

A Sociedade Hebraica de Ajuda ao Imigrante (HIAS, sigla em inglês) existe há mais de 130 anos e atua em vários lugares para proteger refugiados que são forçados a saírem de seu país natal por serem minorias étnicas, religiosas ou sexuais. A HIAS ajuda-os a refazerem suas vidas em liberdade e dignidade.

A fundação da HIAS remonta à época em que os judeus escapavam de pogroms (violentos ataques físicos aos judeus no Império russo e outros países) na Europa Oriental. Sua missão era proporcionar conforto e ajuda a esses fugitivos.

Em 1950, a entidade abriu seu escritório em Israel, atendendo às ondas imigratórias, cuidando da absorção e integração na sociedade local. Atualmente, essa atividade é desenvolvida pela Agência Judaica (ver abaixo) e a HIAS passou a usar sua experiência para colaborar no sistema de admissão a refugiados e requerentes de asilo que atendem aos padrões internacionais.

A Assembleia das Nações Unidas (ONU) criou, em 14 de dezembro de 1950, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), com a missão de dar apoio e proteção aos refugiados de todo o mundo, buscando soluções para seus problemas, como repatriação voluntária, integração



local e reassentamento em um terceiro país. Segundo a ACNUR, existem perto de 60 mil refugiados em Israel, número expressivo levando-se em conta que o país não chega aos oito milhões de habitantes: 36 mil são da Eritreia, 15 mil do Sudão e 4 mil de outros países africanos (números de 2015).

É para essa população que a HIAS se dedica e de várias formas. Uma delas é a educação jurídica: o

primeiro curso de direito de refugiados em Israel foi estabelecido em 2001 e, dois anos depois, a HIAS formou a primeira clínica israelense de direito de refugiados na Faculdade de Direito da Universidade de Tel Aviv. A principal instituição de lei, conhecimento e experiência nesse setor no país.

Outra é a Especialização Jurídica, para atender o afluxo de tantos que vinham de zonas de conflito, a HIAS iniciou o treinamento de oficiais de asilo em Determinação do Estatuto de Refugiado e advogados especializados para que ajudem os requerentes de asilo a encontrarem proteção e conhecerem seus direitos.

A Assistência aos Refugiados Individuais em Israel é outra forma que a HIAS desenvolve através do encontro com indivíduos e famílias para ajudá-los a reunirem-se com seus familiares que já vivem em outros países.

Em 2014, a HIAS lançou um programa para treinar e orientar jovens profissionais de Israel no campo jurídico, no qual o trabalho é pro bono (para o bem, em latim), ou seja, atividade profissional realizada de forma gratuita para atender aqueles que não têm meios de pagar. Essa orientação individualizada é altamente especializada e permite que a atuação da HIAS tenha sucesso nesse campo.

O papel da Agência Judaica



Desde 1929, muito antes da Independência do Estado de Israel, a organização denominada Agência Judaica (Sochnut, em hebraico) era a autoridade que fazia a ponte entre os ingleses e a comunidade judaica durante a administração do Mandato Britânico. Posteriormente, ela ficou responsável pela recepção dos imigrantes e pela absorção dos judeus resgatados em todo o mundo. Especialmente, os que viviam em zonas de guerra ou onde suas vidas passavam por situações de perigo.

Durante esse período, centenas de milhares de judeus conseguiram chegar a Israel por via marítima, através da imigração. Em 1933, logo após a Primeira Guerra Mundial, a Aliá Jovem e, em 1943, a Operação Filhos de Teerã levaram dezenas de milhares de crianças para um lar seguro. A Operação Tapete Mágico, em 1949, levou 3.800 judeus iemenitas a Israel e, dois anos depois, mais 110 mil judeus do Iraque foram resgatados como parte da Operação Esdras e Nehemias.

Desde 1948, com a independência do Estado, a Agência Judaica continua seu papel de facilitadora junto a países do Oriente Médio, Norte da África, Europa Oriental e outros lugares pelo mundo.

A Lei do Retorno

Já na Declaração de Independência (14 de maio de 1948) foi definido que o Estado de Israel permanecerá aberto ao regresso dos exilados e à imigração judaica.

Em 1950, a Knesset (Parlamento de Israel) aprovou uma lei, iniciada com a frase “Todo judeu tem o direito de imigrar para este país...”, indicando o propósito do Estado com relação aos judeus. Assim, a lei estabelece o direito a judeus de qualquer parte se assentarem em Israel. O direito de voltar para sua terra natal histórica e receber sua cidadania. Ela se aplica aos judeus que têm outra nacionalidade, mas que desejam se naturalizar em Israel.

Por outro lado, a lei não discrimina cidadãos não judeus em Israel, que têm seus direitos assegurados como tais. E não impede que pessoas de origem não judaica se naturalizem israelenses.



Israel faz ajuda humanitária



A agência de ajuda humanitária israelense IsrAID criou projetos de socorro para as populações atingidas por emergências pelo mundo, das Filipinas ao Sudão do Sul, do Haiti à Coreia do Sul. Desde 2013, passou a dar assistência alimentar aos quase sete mil sírios que fugiram para a Jordânia.

Diariamente, milhares de refugiados saídos da Síria chegavam às margens da ilha de Lesbos (Grécia) e, ao serem desembarcados, uma equipe de resgate da IsrAID lá estava, com médicos e enfermeiros, árabes e judeus, trabalhando em conjunto. Eles fizeram contato com alguns dos países, como Grécia e Itália, para apoiar os esforços locais, doando roupas, alimentos, kits de higiene.

Em ações secretas, a ONG fornece mantimentos, remédios e produtos de higiene a refugiados da Síria, país que não tem acordo formal de paz com Israel. Mesmo assim, os israelenses estão em franca atividade.

A ONG ofereceu ajuda aos refugiados cristãos e yazidis, que chegaram a região do Curdistão iraquiano quando os jihadistas do Estado Islâmico obrigaram

que deixassem suas terras. A ONG israelense começou distribuindo kits de higiene básicos, roupas e equipamentos de cozinha para os refugiados, visando apoiar aqueles que foram obrigados a fugir da brutalidade do Estado Islâmico.

A IsrAID tem uma rede de 1.200 voluntários israelenses e conta com o apoio de contatos para fazer frente à Irmandade Muçulmana que persegue quem não faça parte de seu grupo e tenta apoiar os refugiados. Operações semelhantes foram realizadas em países cujos governos são hostis a Israel, como Paquistão e Sudão.

Voluntários israelenses atuaram também na fronteira da Hungria com a Sérvia.

A IsrAID treina profissionais dos governos e não governamentais atuando nas linhas de frente, fornecendo as ferramentas para que possam cuidar das pessoas que passaram por sofrimentos extremos e traumas, principalmente mulheres e crianças. Para esse trabalho, a ONG israelense atua com ONGs locais, a Cruz Vermelha e funcionários públicos.

Assistência aos trabalhadores

A ONG israelense Hotline for Migrant Workers (centro de Assistência a Trabalhadores Estrangeiros, em tradução livre) existe há 15 anos e é uma das maiores lutadoras pelos direitos dos trabalhadores estrangeiros em Israel. De início, seu propósito era defender os trabalhadores das Filipinas, Tailândia e países da África, que foram a Israel para trabalhar no acompanhamento de idosos, na agricultura e construção civil.

Com perto de mil refugiados/mês chegando a pé, subindo a fronteira entre Israel e a península do Sinai, a ONG precisou se adaptar à realidade, muitas vezes não esperada em tal número e com dificuldades de todas as espécies.

REGULAMENTO

A Organização Feminina WIZO de São Paulo expede o presente comunicado com o objetivo de divulgar o Concurso WIZO de Pintura e Desenho 2017.

OBJETIVO:

- Incentivar a criatividade e a produção artística de alunos da rede pública de ensino do Estado de São Paulo que, orientados por seus professores, ampliarão seus conhecimentos sobre dois povos separados pela distância, porém próximos em suas afinidades e diversidades
- Promover a apreciação artística e estética das produções sobre o tema em questão
- Valorizar o desenho e a pintura como importante canal de comunicação e expressão.

PARTICIPAÇÃO:

Alunos do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual

TEMA PARA 2017:

“Brasil-Israel: Terras de Imigrantes”

Um tema atual, que está em todas as mídias, na maioria das vezes visto como um problema social em um viés de tristeza. Muito mais do que tristeza, o tema pode e deve ser encarado como uma nova demografia mundial. Brasil e Israel são países que se formaram a partir da imigração e ela está presente continuamente na história até os tempos atuais.

A escolha desse tema leva a muita reflexão e o resultado, com certeza, mostrará plasticamente a integração e a convivência dos imigrantes nestes dois países.

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS:

- Produção individual de pintura ou desenho em cartolina, papel ou tela sem moldura, sem dobras ou rasuras, medindo no máximo 50 cm x 70 cm. Com exceção de colagens, poderão ser utilizadas diversas técnicas como óleo, acrílico, guache, aquarela, nanquim, lápis, lápis de cera, mosaico, etc.
- Os professores deverão entregar os trabalhos à Diretoria da Escola na qual os alunos estudam. A escola, por sua vez, selecionará até no máximo 10 (dez) dos melhores trabalhos de sua unidade e os remeterá à sede da Organização Feminina WIZO, em São Paulo.

IDENTIFICAÇÃO:

No verso de cada trabalho deverá ser colada uma etiqueta com as seguintes informações:

- Dados da Escola:** nome completo, endereço, CEP, número de telefone com o código de área e indicação da respectiva Diretoria de Ensino
- Dados do Professor:** nome completo e matéria que leciona
- Dados do aluno:** nome completo, idade, série em curso, endereço, CEP e telefone com código de área

Atenção: A falta de uma das informações acima levará à não aceitação do trabalho enviado.

DATA E LOCAL DE ENTREGA DOS TRABALHOS:

Os trabalhos deverão ser enviados impreterivelmente até o dia **10 de outubro de 2017** para a Organização Feminina WIZO de São Paulo à R. Minas Gerais, 36 | CEP 01244-010 São Paulo-SP
Telefone (11) 3257-0100 | email wizosp@terra.com.br

CLASSIFICAÇÃO DOS TRABALHOS:

- O Júri Oficial, composto por um representante da Secretaria de Estado da Educação, artistas plásticos, membros e dirigentes da WIZO, selecionará e classificará os 3 (três) trabalhos vencedores, assim denominados 1º, 2º e 3º colocados. Poderão ainda ser selecionados trabalhos para recebimento de Menção Honrosa.
- O Júri Aberto, composto por integrantes da WIZO e convidados de outras organizações, selecionará 1 (um) trabalho que receberá o Prêmio Júri Aberto.
- A partir de 2014 foi instituído o Prêmio EJA, uma classificação especial para alunos adultos, inscritos nesse programa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

SOLENIIDADE DE PREMIAÇÃO:

A Cerimônia de Premiação será realizada no mês de Novembro, em data e local a serem comunicados através de convite postal enviado a todas as escolas participantes do Concurso WIZO e anunciada no site da instituição www.wizosp.org.br

PRÊMIOS

1º Prêmio: o aluno vencedor, escolhido pelo Júri Oficial, e o professor que orientou o trabalho receberão passagens aéreas de ida e volta a Brasília – DF, com hospedagem e visita por 3 (três) dias. O aluno receberá também um aparelho eletrônico e 1 (um) kit de pintura.

2º e 3º lugares, Júri Aberto e Menção Honrosa: os alunos receberão 1 (um) aparelho eletrônico e 1 (um) kit de pintura. Todos os alunos premiados receberão uma medalha.

Os professores também serão agraciados com prêmios. Haverá ainda distribuição de brindes e sorteio de uma bicicleta entre os alunos participantes da Solenidade de Premiação. Todas as escolas inscritas receberão Certificados de Participação.

OBSERVAÇÕES:

Os casos omissos neste comunicado serão resolvidos pela Comissão Organizadora do Concurso.

Os trabalhos recebidos não serão devolvidos e passarão a compor o acervo da Organização Feminina WIZO de São Paulo com direitos de reprodução, exposição e/ ou utilização conforme critérios por ela considerados oportunos.

ETIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO

(DEVE SER COLADA ATRÁS DO TRABALHO)

NOME DA ESCOLA:

ENDEREÇO:

CEP: CIDADE:

TEL: (.....) E-MAIL:

PROFESSOR:

MATÉRIA QUE LECIONA:

DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO:

ALUNO:

IDADE: SERIE:

ENDEREÇO:

CEP: CIDADE:

TEL: (.....) E-MAIL:

ALUNO MENOR DE 18 ANOS DE IDADE DEVERÁ TER A AUTORIZAÇÃO DO PAI
OU RESPONSÁVEL PARA PARTICIPAR EM TODAS AS FASES DO

CONCURSO WIZO DE PINTURA E DESENHO 2017

“BRASIL-ISRAEL: TERRAS DE IMIGRANTES”

APOIO CULTURAL: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

AUTORIZO MEU (MINHA) FILHO (FILHA)

..... A PARTICIPAR DO CONCURSO WIZO DE
PINTURA E DESENHO 2017 E A CUMPRIR TODAS AS ETAPAS ESTIPULADAS NO REGULAMENTO.

NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL:

RG: TEL: (11)

LOCAL: DATA:

.....
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL



Links para consulta

Israel:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_de_Israel#Etnias_e_migra.C3.A7.C3.A3o
<http://www.morasha.com.br/israel-hoje/origens-da-comunidade-russa-de-israel.html>
<http://www.jewishvirtuallibrary.org/total-immigration-to-israel-by-country-of-origin>

Brasil:

<http://www.historiadobrasil.net/imigracao/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_portuguesa_no_Brasil
<http://www.suapesquisa.com/pesquisa/invasaoholandesa.htm>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinagoga_Kahal_Zur_Israel
<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288309>

WIZO

A apostila também pode ser encontrada na íntegra no site:
<http://wizosp.org.br/>

Curta a página da WIZO no Facebook e fique por dentro das novidades sobre o Concurso:

<https://www.facebook.com/WizoSP/>

DATA DE ENTREGA:
10 DE OUTUBRO DE 2017

LOCAL DE ENTREGA DOS TRABALHOS:
Organização Feminina WIZO de São Paulo

Rua Minas Gerais, 36 - CEP 01244-010 - São Paulo - SP

Tel: 11 3257-0100 - Fax: 11 3256-3099

E-mail: wizosp@terra.com.br

A/C de Mirta Landesman

